

DESVELANDO O *FUNK* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniel Bocchini

RESUMO

A sociedade contemporânea atravessa um momento, a partir da metade do séc.XX, que possibilita o embate de diferentes culturas. Alguns ambientes sociais, como a escola, concentram uma grande diversidade de tradições, valores, hábitos e condutas. E como componente curricular na escola as aulas de Educação Física não ficam alheias a essas características atuais. Tendo como suporte os Estudos Culturais, que busca uma compreensão democrática e procura reconhecer os conhecimentos e experiências da cultura popular, isto é, dos grupos desprivilegiados, o presente trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência sobre a tematização do *funk* nas aulas de Educação Física em uma escola do municipal de São Paulo, EMEF Jardim Guarani – Prof. José Alfredo Apolinário localizada na zona norte, no bairro Freguesia do Ó, com os alunos do 7º Ano. A escolha desse tema perpassa por dois motivos, o primeiro, devido ao grande número de alunos que no momento da entrada, intervalo e saída ouvem funk em seus celulares, o que caracteriza que esse estilo musical faz parte da realidade dos educandos, um segundo motivo, por coadunar com o PEA - Projeto Especial de Ação - da escola que trata das manifestações da cultura. Através de um mapeamento inicial foi diagnosticado qual conhecimento tinham sobre essa temática, interessante ressaltar que apesar da maioria dos alunos ouvirem *funk*, frequentar bailes *funk* e conhecer diversos Mcs que vivem na comunidade, verificou-se a existência de uma imagem muito preconceituosa e discriminatória sobre as pessoas que se identificavam com tal música, dizendo que só os bandidos, traficantes e prostitutas ouviam, além disso, foi percebido que para os alunos, as composições das letras das músicas só limitavam-se a fazer referências a drogas, sexo, criminalidade etc. Com o poder dessas informações, e através das expectativas de aprendizagem selecionadas no documento de orientações curriculares, planejamos diversas ações pedagógicas que buscaram compreender e analisar melhor essa prática pertencente a cultura corporal. Então, para iniciar propusemos que fossem levantados os tipos de *funk* existentes (melody, gospel, erótico, neurótico etc); em seguida, realizamos uma pesquisa com apresentações de grupos, sobre a origem e as transformações que ocorreram com o *funk* até os dias de hoje; seguindo, analisamos e discutimos duas reportagens uma da TV Globo e outra da TV Record sobre o *funk*, também aproveitamos e discutimos sobre o preconceito e apologia; analisamos também algumas letras de músicas e para concluir o projeto realizamos a gravação de um CD, na rádio Comunitária Cantareira, onde os alunos relataram as experiências vivenciadas nas aulas, e ao final do relato escolheram uma música de funk que mais gostaram para tocar na rádio, posteriormente, fomos avisados que esses relatos e essas músicas poderão passar em um dos programas da rádio futuramente. Com a conclusão desse projeto percebemos que contribuimos significativamente na desmistificação da imagem do funk, também conseguimos dar vozes, nas aulas, a uma minoria que sofre preconceito por se aproximar desse gênero musical, além de valorizar essa manifestação da cultura popular negra.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar; Estudos Culturais; *Funk*.

INTRODUÇÃO

A atual configuração social possibilita o encontro de diferentes pessoas, logo, esses ambientes como clubes, igrejas, *shoppings*, ciber-espços e a escola, acabam sendo espaços mais sensíveis a embates na tentativa de todas as diferenças se constituírem como um único caminho a ser valorizado

Segundo Hall (2006) esses questionamentos estão fortemente relacionados com as transformações que a sociedade atual atravessa, essa mudança consiste no deslocamento das estruturas e referências que ancoravam os indivíduos no sistema social. Isto é, devido em grande parte a globalização e aos avanços tecnológicos mais precisamente aos meios de comunicação (eletrônicos, escritos e etc) somos cotidianamente bombardeados por infinita exposição de diversos modos e comportamentos, o que nos leva a compreender uma face plural e fragmentada do indivíduo. Ainda de acordo com o autor, esse novo formato de sociedade permite a aproximação de diversas culturas, porém, ao mesmo tempo possibilita um forte apelo à homogeneização que colabora para conseguirmos nos perceber como indivíduo e quando olhamos para o lado enxergamos, as desigualdades e as diferenças.

Nesse sentido, percebemos no ambiente escolar que o encontro de diferentes pessoas, sejam por meio de seus valores, hábitos, costumes, raças, classes sociais, grupos étnicos, gêneros etc, tem provocado nos discentes uma enorme luta para que certas práticas, comportamentos e gostos tenham mais valor do que outros. Não podemos desprezar também que a organização, estrutura e o currículo escolar e também as práticas pedagógicas muitas vezes na tentativa igualar essas diferenças contribuem para cada vez mais aumentar a segregação entre os alunos, pois na medida em que fingimos que a diversidade presente na escola não existe ou pelo menos não é considerada, contribuimos para que essas questões continuem sendo esquecidas, logo, as posições assumidas por determinadas pessoas se perpetuam, assim as pessoas que conseguem adequar-se aos padrões estabelecidos socialmente estabelecem uma relação de dominação, referência e poder ao outro que assume a posição de dominado, subjulgado e diferença, dessa forma esse cenário resulta numa maior e permanente relação de assimetria entre os educandos.

Como componente curricular e não alheia a esse processo a Educação Física, desde os anos 80, também tem se preocupado com esse tema e tem denunciado o papel acrítico que desempenha nas aulas no ambiente escolar, onde muitas vezes prioriza

apenas gestos técnicos, o alto-desempenho, a educação do corpo e etc, contribuindo cada vez mais para robustecer os fundamentos capitalistas e neoliberais que pregam o individualismo, interesses econômicos e de mercado, competitividade e consumismo. A partir dessas denúncias surgiram algumas concepções pautadas nas ciências humanas e sociais aportadas na dimensão cultural que buscaram redimensionar a área. No entanto, apesar dessa tendência, ainda é muito comum vermos tais práticas acontecerem nas aulas.

Percebemos que as práticas cotidianas e o currículo estão extrinsecamente relacionado a essas temáticas, pois na medida em que trazemos aos alunos e alunas apenas determinados conteúdos (predominantemente nas aulas de Educação Física os esportes oriundos da cultura européia, masculinizados e brancos) não analisamos criticamente os fenômenos estudados, fornecendo apenas uma possibilidade de ler a realidade, contribuindo para que possuam uma visão limitada e, portanto, não generalizada. Consequentemente perpetuamos o preconceito a certas práticas, etnias, gêneros e grupos, e fortalecemos cada vez mais as mesmas práticas, etnias, gênero e grupos hegemônicos. Nesse sentido, Silva (2011) entende que o currículo constroi identidades, sendo compreendido como um espaço de embate na tentativa de consolidar diferentes formas de ser.

Na tentativa de trazer soluções a essa realidade é que a perspectiva cultural começa a ser estudada na década de 60 (no chamado período pós Guerra), na Universidade de Birmingham (Inglaterra) no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, a partir da eclosão de diversas manifestações dos direitos humanos como o movimento estudantil, movimento das minorias, emancipação feminina, liberação sexual e outros, com essa nova visão de cultura foi possível responder a questões, referentes às diversas transformações que estava ocorrendo na sociedade, que antes eram impossíveis de serem respondidas.

O principal objetivo dos Estudos Culturais é intervir na construção de novos significados e valores mais democráticos, considerado os meios de comunicação em massa e sua busca pela homogeneização oriundas dos setores privilegiados da sociedade, influenciados por diversos movimentos sociais, que buscam uma participação equitativa, os Estudos Culturais, pregam uma educação onde esses grupos em desvantagens possam ter seus conhecimentos validados e seus interesses contemplados, mesmo num mundo onde os gostos, comportamentos, a moral, o

conhecimento e a linguagem são controlados por grupos elitizados que apenas separam as pessoas (NEIRA e NUNES, 2011).

Portanto é a partir desses pressupostos que o presente trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência sobre a tematização do funk nas aulas de Educação Física em uma escola do municipal de São Paulo, EMEF Jardim Guarani – Prof. José Alfredo Apolinário localizada na zona norte, no bairro Freguesia do Ó, com os alunos do 7º Ano.

RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Esse projeto foi desenvolvido no primeiro semestre do ano de 2012, durante aproximadamente os três primeiros meses. A escolha desse tema perpassa por dois motivos, o primeiro, porque há algum tempo percebo, nos momentos em que estou chegando à escola, ou quando passeio nos intervalos e até mesmo no horário de saída, que grande parte dos alunos ouvem *funk* em seus celulares, logo, constatei que esse estilo musical faz parte da realidade dos educandos, o segundo motivo, se deve a reunião que todos os professores da unidade escolar participaram, no início de 2012, onde foi definido que o tema do PEA - Projeto Especial de Ação - da escola trataria das manifestações da cultura.

A escolha do *funk* como conteúdo a ser desenvolvido me fez mergulhar numa profunda reflexão e angústia. Reflexão porque para abordar essa temática com os alunos primeiro precisava me livrar de todos os preconceitos que existiam em mim e angústia por não ter nenhum conhecimento sobre esse assunto.

Seguindo as orientações curriculares (São Paulo. Secretaria Municipal de Ensino, 2007) inicialmente realizei um mapeamento a fim de diagnosticar qual conhecimento tinham sobre essa temática. Na primeira aula, quando apresentei a proposta, foi muito curioso, pois todos me olharam com uma cara de espanto, como se pensassem que a escola não seria lugar para se discutir uma prática que traz tanta polêmica através das letras de músicas, o estilo da dança e etc. Interessante ressaltar também que apesar da maioria dos alunos ouvirem *funk*, frequentar bailes *funk* e conhecer diversos Mcs que vivem na comunidade, verificou-se a existência de uma imagem muito preconceituosa e discriminatória sobre as pessoas que se identificavam com tal música, conseqüentemente, sobre a prática que eles mesmos faziam, pois, diziam que só os bandidos, traficantes e vagabundas ouviam, além disso, foi percebido

que para os alunos, as composições das letras das músicas só limitavam-se a fazer referências a drogas, sexo, criminalidade etc.

Com o poder dessas informações, e ainda seguindo as orientações, foram selecionadas as seguintes expectativas de aprendizagem:

- EF 30 – Elaborar em diferentes suportes textuais, produções discursivas alusivas a dança (notícias, crônicas, filmes, fotografias, cartazes etc.), perante análises textuais e vivenciais.
- EF 29 – Relatar o conhecimento construído a respeito da dança.
- EF 30 – Participar de coreografias compostas coletivamente, participando democraticamente do processo de eleição dos diferentes papéis e funções.
- EF 34 – Identificar e analisar criticamente os padrões divulgados pela mídia sobre o aspecto da dança, evitando o consumismo e o preconceito relacionando-os com as situações práticas propostas.

Para tanto, planejamos diversas ações pedagógicas que buscaram compreender e analisar melhor essa prática pertencente a cultura corporal. Então, para iniciar propusemos que fossem levantados os tipos de *funk* existentes (melody, gospel, erótico, neurótico etc.) na aula seguinte alguns alunos trouxeram Cds e outros trouxeram no próprio celular, quando solicitei para que nos mostrassem essas músicas, alguns não queriam dizendo que falava muito palavrão e que não sabiam se poderiam usar o celular na aula, mesmo eu dizendo que não havia problema uma aluna me indagou: Mas, e se a coordenadora entrar aqui na sala? Eu reforçei e disse que não haveria qualquer problema, pois, estávamos num momento de aula e tanto o uso do celular quanto as músicas com palavrão faziam parte do contexto da aula, além do que a coordenadora já tinha sido avisada do projeto. Essa passagem contribui para fortalecer a imagem de blindagem que a escola tem para os alunos, que não sendo o espaço para certas práticas ou discussões. Outra aluna me chamou e disse que era evangélica e não poderia ouvir “essas músicas” então perguntei se ela conhecia o *funk* gospel, ela disse: “Ah professor, *funk* gospel nem existe!” quando colocamos para ouvir ficou muito surpresa e começou a participar da aula. Nessa mesma aula fiz uma intervenção porque observei através dos comentários de alguns, que o *funk* melody, que fala de amor ou o gospel que fala de Deus, era melhor do que o erótico, neurótico ou o proibidão, nesse momento, disse que cada um tem direito de ouvir o estilo de *funk* que mais lhe agrada, não existe pior e nem

melhor, são estilos diferentes e o nosso objetivo não era definir um só estilo, mas sim ampliar nossa visão sobre esse estilo musical.

Em seguida, propus a realização de uma pesquisa sobre a origem e as transformações que ocorreram com o *funk* até os dias de hoje, então os alunos foram divididos em grupos, e conforme o agendamento apresentaram o que tinham encontrado. Para auxiliá-los realizei uma pesquisa prévia e orientei os sites que poderiam encontrar os assuntos relacionados com cada tema. Ficaram surpresos quando descobriram que o *funk* nasceu nos Estados Unidos nas igrejas evangélicas. Um fato curioso é que em diversos momentos, ouço de colegas professores da minha escola, dizendo que não adianta pedir aos alunos realizarem trabalhos para casa porque nunca faziam, mesmo assim insisti e tive uma grata surpresa, vários grupos me entregaram antes do prazo combinado, no momento percebi que estavam empolgados com o projeto.

Para a próxima etapa do projeto, pesquisei em sites algumas reportagens sobre o *funk* na tentativa de verificar como que a mídia o compreende e divulga. Acabei encontrando duas reportagens uma da TV Globo e outra da TV Record, assistimos e discutimos que essas reportagens possuíam uma visão muito preconceituosa, pois, só reforçavam que nos bailes morriam pessoas, havia prostituição, uso de drogas etc. Também aproveitamos e discutimos sobre o preconceito e apologia, perguntei se realmente o *funk* era o único culpado pelas pessoas usarem drogas, ou fazerem sexo promiscuamente, ou entrarem para o crime etc. Notamos que diversos outros meios de comunicação como revistas, novelas, filmes, outros estilos musicais como pagode e mpb também abordam essas questões, porém não sofrem nenhum preconceito igual ao *funk*.

Outro momento do projeto era a realização de uma coreografia, então perguntei se sabiam dançar e se sabiam o nome de algum passo, alguns sabiam dançar e surgiram alguns nomes de passos. Trouxe também para assistirmos um vídeo de uma batalha de passinho do *funk*. Após, solicitei para que se dividissem em grupos e conforme o vídeo assistido e o conhecimento que possuíam sobre a dança, realizassem uma coreografia. Porém, a vergonha tomou conta dos alunos e ninguém quis demonstrar qualquer passo. Quando percebi que os alunos ficavam cobrando um ao outro para dançar, criou-se um ambiente um pouco hostil e os avisei que essa não era a proposta, se ninguém quisesse dançar disse que não haveria problemas e que poderíamos seguir nossa proposta, todos aceitaram em darmos andamento ao projeto.

Seguindo, analisamos diversas letras de músicas e pedi para que quem quisesse poderia realizar uma paródia ou compor a sua própria letra de música. Para concluir o projeto realizamos a gravação de um CD, numa rádio próxima a escola chamada Rádio Comunitária Cantareira. As visitas ocorreram em grupos pequenos onde puderam conhecer todo o funcionamento de uma rádio, além de realizarmos um momento de debate onde os alunos pudessem relatar o que pensavam sobre esse estilo musical; e sobre as experiências vivenciadas nas aulas, e ao final do relato poderiam escolher uma música de funk que mais gostaram para tocar na rádio.

Posteriormente, a coordenadora da rádio me chamou e disse que tinha gostado muito do projeto e nos avisou que futuramente os debates realizados e as músicas pedidas pelos alunos poderiam passar num programa da rádio.

CONCLUSÃO

Com a conclusão desse projeto percebemos que contribuimos significativamente na desmistificação da imagem do *funk* tentando-o colocar num nível de igualdade com outros estilos musicais. Também conseguimos dar vozes, nas aulas, a uma minoria que sofre preconceito por se aproximar desse gênero musical, e conseqüentemente, procuramos valorizar essa manifestação da cultura popular negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NEIRA, M; NUNES, M.L.F. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 671-685, jul./set. 2011.

NEVES, M. R. das. **Tematizando o Funk nas aulas de Educação Física escolar**. EMEF Dom Pedro I.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA.T.T. (org.) **Identidade e diferença: As perspectivas dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 10ª edição, 2011.